

A RELAÇÃO DE PODER DO CORONEL DOMINADOR E SUAS CRIADAS DOMINADAS: uma análise do romance calunga

Daniel Silva do Nascimento

Bacharel em Direito pela FASETE – Faculdade Sete de Setembro.

E-mail: danielsn_1@hotmail.com / Contato: (82)98108-7158.

Nathália Pereira Silva

2Aluna do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura- PRODIC
pela Universidade Estadual de Alagoas, Campus Arapiraca.

Email: nathliapereira@outlook.com / Contatos: (82) 99950-3609 ou (82) 98167-3733

RESUMO

Sabendo que os processos de relações presentes no sistema capitalista das produções, lucros e mercadorias, possuem uma proposta de manipulação do dominador sobre o dominado, percebemos que estas relações de poder estão também representadas no universo literário, visto que a referência do cotidiano, algumas vezes, é refletida pela arte. Temos então, como proposta de pesquisa, as caracterizações da relação entre coronel e serva numa análise de um romance regionalista escrita por Jorge de Lima em 1935, que está ambientado na época das grandes manipulações políticas no Brasil e de crises no cenário mundial, onde o processo de dominação manteve-se equilibrado. Serão então abordadas na lógica dos processos de produção em um ambiente ressignificado, mas, com o mesmo pensamento de crítica aos moldes de coisificação do ser humano, que o capital manipula. A teoria que será trabalhada nessa pesquisa estará voltada para o olhar do processo de poder, que refletirá em questionamentos, ambientações e localidades.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de manipulação capitalista. Literatura alagoana. Dominador e dominado. Jorge de Lima. Regime de poder.

ABSTRACT

Knowing that the relationship processes present in the capitalist system of production, profit and commodities possess an idea of manipulation by the dominator over the dominated, these power relations are also represented in the literary universe, given that the everyday references, sometimes, reflect the art. Therefore, we have as objective of research, the characterization of the relation between master and servant through the analysis of a regionalist romance written by Jorge de Lima in 1935, that is set in a moment of great political manipulations in Brazil and of great crisis worldwide, in which the process of domination remained balanced. It will be approached in the means of the production processes in a

reassigned society, but considering the critical thinking about the reification of human being, manipulated by the capital. This work will also question the process of power through a look into the atmosphere and localities.

KEYWORD: Process of capitalist manipulation. Alagoan literature. Dominator and dominated. Jorge de Lima. Power.

INTRODUÇÃO

Publicado em 1935, *Calunga* é uma obra alagoana que reflete toda a perspectiva do Estado de Alagoas como estado em ascensão, um processo que, muitas vezes, acaba ressignificado, remoldado e transformado a partir da perspectiva do lugar, onde o poder do dominador, suas atitudes e decisões, ganham destaque. A obra é um romance de cunho social que reflete o latifúndio, a exploração, o jogo de poder, principalmente pela personagem antagonista, o Coronel.

A década de 1930 foi um período onde as terras alagoanas passaram por um movimento revolucionário e os dominadores da região perderam autonomia, inclusive o coronelismo. Assim, de acordo com TICIANELI (2015, p. 01), “A Revolução de 1930 em Alagoas enfraquece o poder político dos coronéis, mesmo sem enfraquecer o poder e o domínio econômico deles”. Além disso, outro ponto fundamental é que o sururu se torna um alimento mais popular em questões culturais e tradicionais. Foi em março de 1930 que o Sururu, em nível nacional, foi descoberto como alimento base da alimentação alagoana. É também nesse período que, no espaço literário, a Segunda Geração do Modernismo aparece e, esse movimento, esteve como processo revolucionário nas artes, política e movimentos sociais.

A Segunda Geração, conhecida também como Geração de 1930, possuía uma autonomia de tratar do movimento regionalista e toda a literatura que esteve como foco principal nessa fase, produziu com temática regional, ganhando forças impensáveis. O romance de 30 seria então de certa forma um romance de testemunho e um romance de denúncia e da maneira de como representam os estilos de vida da população, maneiras sociais que fazem com que toda a estrutura se torne mais autônoma. O romance propunha então uma diferenciação das narrativas sulistas, que foram produzidas no mesmo período, mesmo que com poucas referências, podem manipular os estilos aos quais se mantêm a postura, o que possibilitou que as narrativas nordestinas ganhassem maior destaque. Desse modo,

abordaremos os pressupostos contidos no romance do Jorge de Lima¹ como um retrato ficcional de um período em que Alagoas também esteve coberta de modos ideológicos presentes na famigerada década de 1930 e que sobressaiu entre os romances locais, pois ganha destaque em seu Estado como um dos romances de maior prestígio e fidelidade ao processo cultural e geográfico regional.

1 A IDEOLOGIA DOMINADORA

Sempre falamos de ideologia como uma proposta que está em um plano maior, como se pontuasse um pensamento que não estar possível de explicação, mas, em breve palavras, tentaremos abordar a ideologia a partir de um posicionamento nosso². A ideologia seria a consciência de ideias ou propostas de pensamentos que produzem determinado viés de posicionamento. Uma ideologia pode partir de grupos com determinados pensamentos políticos, promover propostas que podem especificar quais seus interesses para algo e a partir desse posicionamento, saberemos de onde a pessoa fala, suas concepções, seus modos de vida, qual a sua participação perante a comunidade social, além de seus conceitos mediante fatos e suas atitudes em casos extremos.

A manipulação da ideologia está posta em fatos cotidianos, muitas vezes omitidos para que não possamos perceber os fatos gritantes que estão maquiados pelas propostas de pensamentos sociais. “Isto pode ser uma surpresa para muitos. No entanto, a verdade é que em nossas sociedades tudo está ‘impregnado de ideologia’, quer percebamos, quer não” (MÉSZÁROS, 2004, p. 57), existem fatores que rodeiam e manipulam as relações nas sociedades que, muitas vezes, passam despercebidas pelo indivíduo, principalmente por ter isso posto muito antes do seu nascimento. A aceitação da ideologia dominante tornou-se tão natural e inquestionável que acabamos por aceitar o discurso ideológico preestabelecido, porém, o fato é que a ideologia dominante é imposta. Não existe escolha, é aceitar ou ser excluído de todo o padrão de vida social.

Para explicar por que alguns indivíduos prontamente se identificam com uma orientação ideológico-intelectual dominante, não é necessária mais motivação objetiva do que, por exemplo, o modo como estas pessoas percebem sua própria localização e papel no meio acadêmico de sua época; ou em relação à divulgação altamente tendenciosa do que os meios de comunicação chamariam de “importantes debates culturais internacionais”; ou em face dos padrões de propriedade em alteração – concentração do capital no campo da produção cultural – que determinam a situação do setor editorial, etc. (MÉSZÁROS, 2004, p. 69).

1 O escritor Jorge de Lima nascido em União dos Palmares, em 23 de Abril de 1893, foi pintor, tradutor, escritor, poeta e médico. Em suas escritas, iniciou com propostas parnasianas, mas logo adentrou no universo modernista.
2 Entendam o termo “nosso” como um posicionamento dos autores deste artigo que segue.

Os indivíduos que estão em posicionamento de liderança social, que estão em posse da ideologia de dominação, sentem a necessidade de impor-se, há nessas pessoas um alívio em saber que algo lhe pertence. É a satisfação do domínio do próximo que manipula sua consciência. E assim segue a proposta do dominador. Em nossa pesquisa, é fundamental entender que o dominador nunca terá um pensamento pacífico.

Para ele, a necessidade de posse é superior a qualquer sentimento ou regras. Quando conseguimos perceber que o domínio está associado ao capital, entendemos a real consciência do poder do dominador. Quando analisamos certa ideologia, compreendemos que de fato elementos discursivos e corporais contribuem para a postura de construção de uma ideologia dominadora.

O pensamento pontua que, durante o processo de manipulação estabelecido entre a relação *dominador x dominado*, compreendemos também que a cultura é um grande fator a ser percebido em manuseios comportamentais, pois não tratamos do indivíduo isoladamente, precisamos de um contexto social para que o ser se faça um indivíduo verídico. Existem questionamentos culturais que servem para refletir como determinada sociedade está situada e como seus elementos são produzidos a partir de uma concepção.

Quando uma sociedade está se construindo, existem ações humanas que escolhem determinados comportamentos que constituirão os valores que lhes serão atribuídos. Ao constituir-se enquanto cultura de prevalência no estado, a violência alagoana passa a ser um grande status, fatos históricos contribuíram bastante para isso, chegando até a tratar da violência como uma característica de valor e imposição de valores locais. O pontapé inicial de um discurso de violência em Alagoas se deu quando os índios Caetés devoraram o Bispo Sardinha em um movimento de antropofagismo. Acontece que o discurso possui determinados atributos que manipulam o envio de mensagens, e o que se passa a acontecer com a informação é um processo de interpretações e concepções ideológicas.

Se discursivamente propagamos que o bispo foi devorado, automaticamente, falamos da nossa ideologia de agredido. O nativo matou o nosso bispo. Por outro lado, ao demonstrar que um estranho tentou invadir um solo sagrado e em ritual de destruição de um ser que cometeu um erro ao ultrapassar nossos territórios, o devoramos, marca que, estamos em outro lado do processo discursivo. A reprodução discursiva continuou e associou-se aos comportamentos, condutas e valores, tornou-se uma essência cultural, ou seja, o nosso movimento base de cultura, passa sim

por um processo de manipulação discursiva. Desse modo, entendemos que “a cultura é uma realidade que o homem produz por meio de ideias e de práticas sociais, e que se reflete em nível de seus referentes como uma composição especial de signos, símbolos, condutas e fazeres” (LINDOSO, 2015, p. 23-24).

Segundo Bezerra (2006), por toda a carga histórica de colonização onde estão marcadas, as influências históricas culturais de Alagoas e suas heranças, acabaram refletindo os conflitos, traços de destruição e intrigas: “temos que no espaço primitivo do que hoje se entende por Alagoas, originalmente ter sido um lugar de massacres e de violências primordiais, diante das quais, o ser Homem e se tornar sujeito da lei, foi determinado pelo enfrentamento diário com o visceral da violência.” (BEZERRA, 2006, p. 58).

O contexto do antropofagismo dissemina a violência quando especifica Alagoas como a terra onde vivem pessoas que praticam canibalismo, é desse modo que a violência se pontua como “a prática vivenciada em disputas e guerras sangrentas, das quais, o extermínio caeté vai exemplificar a sanguinolenta ocupação da terra pelo colonizador em Alagoas”. (BEZERRA, 2006, p. 61). Além disso, o canibalismo disseminado, algumas histórias de violência que se efetuaram, como:

O esquiteamento de Calabar, a destruição de Palmares, a Cabanagem alagoana, os irmãos Morais, a compulsoriedade do serviço militar à Guerra do Paraguai, o assassinato de Delmiro Gouveia, a emboscada e morte de Lampião sob o comando de alagoanos e o desfile da cabeça de bando por municípios alagoanos e pelas ruas do centro de Maceió. Estas foram alguns dos exemplares atos e práticas ligadas à violência entre meados do século XIX até meados da década de 30 (século XX). (BEZERRA, 2006, p. 68).

Possuímos uma disseminação de violência. Isso é fato concreto! As notícias, piadas, novelas e em ambiente literário. Tudo nos leva a criar figuras de violência, ódio e massacre. A produção desse discurso está em evidência. O coronelismo, usineiros, Senhores de engenho, refletem um status de poder e maldade, contudo, esses atos são comportamentais. O indivíduo contribui para a construção de uma veiculação discursiva, pois, propõe seguir determinadas regras, da mesma maneira que todo o universo social contribui para a formação de um ser. Ou seja, o ser contribui para a construção social, e, a sociedade contribui para a construção do ser. Temos então, uma circularidade de movimentos nos quais um dos fatos não consegue viver sem o outro. Isso se chama dependência, sem uma construção social, não se existiria elementos de representatividade humana, sem os humanos, não seria possível se criar regras sociais.

2 CALUNGA: o coronel dominador

Um dos fatores de maior repressão em Alagoas é o coronelismo. Esse movimento se dá pela dominação de um dono terras que toma para si o direito de manipular as pessoas de sua região pelo fato de possuir uma grande extensão de terras ou algum tipo de comércio que seja o principal recurso de renda dos moradores. Com todo o histórico de repressão dos usineiros, donos de fazendas entre diversos tipos de propriedades. Na ilha de Santa Luzia, a espacialidade pontuada no romance em questão, encontramos nosso antagonista, o Coronel Totô, ou o Senhor do Canindé. A sua renda dominante está na criação de porcos e algumas plantações. A ambientação, características, nome e personalidade são construídas em uma personagem, demarcando a estereotipação do alagoano.

Quando se discute a construção de um romance, e produz a partir dele um personagem, temos que ter posse de determinadas conceituações para um desenvolvimento de boa cronologia. Nessa construção, sentimos a necessidade de trabalhar alguns processos que estão destinados a manipular a narrativa, concretizar os detalhes, determinar as ambientações. Os recursos que serão utilizados pelo autor do texto, refletem na aceitação da leitura da obra a proposta de maturidade artística. Entendemos que o romance consiste de características que se propõem a fazer da narrativa um plano idealizante.

São propostas de outro olhar diante daquilo que o leitor já conhece, pois, são as pluralidades das representações que envolvem as ideologias de seus autores e da mesma forma, seus leitores. “Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 14). A valorização estética de uma ficção se fará a partir de alguns elementos tidos por verdade que estarão a preencher as expectativas do leitor, serão os elementos estéticos que produzirão a significação dos elementos ficcionais. Para isso,

A preparação de tais aspectos depende em alto grau da escolha da palavra justa, insubstituível, da sonoridade específica dos fonemas, das conotações das palavras, da carga das suas zonas semânticas marginais, do jogo metafórico, do estilo –ou seja, da organização dos contextos de unidades significativas –e de muitos outros elementos de caráter estético (ROSENFELD, 1968, p. 36).

São detalhamentos que o autor precisa ter para que seu texto possua personalidade, esteja bem delimitado, e a partir daí, ser considerado um belo objeto artístico. É essa capacidade de criação

que fascina o leitor, a imaginação de produzir uma verdade, ter olhares perante um objeto para dar vida aos personagens, fazer grandes obras somente com o manuscrito de palavras. Essa é a grande diferença entre o historiador e um poeta-escritor, ter a capacidade de criar, fazer que o leitor sinta emoções, perceba fatos, experimente da sua narrativa, que, em alguns casos, nunca existiram na realidade. “Assim, o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades” (ROSENFELD, 1968, p. 46)

A verossimilhança que atrai, que provoca o leitor, é um jogo estético que se faz como ponto essencial para o autor ousar, trabalhar bem as suas artimanhas. É nesse contexto que o Jorge de Lima trata da lutado pobre como um fato que sempre esteve injustiçado. O protagonista do romance, Lula, que rememora algumas cenas que merecem destaque ao leitor, quando “relembra episódios revoltantes e grotescos daquelas bandas: os moços do Clube dos Mexicanos nus, em Palmares, dançando de Adão, fechando o povoado a bala”(p. 12)³. Eram momentos de tortura, abusos, atos de maldades perante os homens que viviam nas terras alagoanas. Estávamos em um momento de guerra, onde a população morria apenas por morrer, apenas por ser morador da região.

Senhores de engenho tomando as terras dos moradores, botando os pobre para fora de seus domínios, apoderando-se de suas safras, de seus roçados, de seus milharais, de suas melancias. Quando as coisas não eram tomadas com processos de saque, a exploração arranjava um jeitão de proteção e bondade que surtia efeito. Meninas admitidas para educar, para criar, trabalhando noite e dia em labutas domésticas, engomando para os senhores, fazendo quitutes, cuidando dos meninos e até dos cachorros da casa, viviam escravas de hoje, sem poderem casar, nem ao menos sair de casa, olhando a rua entre as frinchas de venezianas, aos domingos. Outras vezes eram trabalhadores, operários de engenho e dos eitos admitidos nas mesas dos patrões, considerados como compadres, para melhor lhes serem sonegados os salários já mesquinhos (p. 12-13).

Eram terras que passavam por períodos de muita violência e massacre, os Senhores se apoderavam da vida dos moradores, sentia-se dono deles, seus escravos, ou melhor, seus prisioneiros. Momentos de grandes tragédias onde os dominadores mandavam e era feito. Uma terra sem leis, onde a lei era obedecer aos mais fortes, pois, a violência era a principal forma de resolver as diferenças e discordâncias. “Era uma história sangrenta de assassinios e roubos, os trilhos da usina invadindo os bangüês, desvalorizando as terras do vizinho, adquirindo partes litigiosas noutras propriedades que originavam questões judiciais sempre resolvidas em favor do mais forte” (p. 13).

3 A partir de agora, as referências do livro Calunga serão apenas pontuadas pela página, para que possibilite uma melhor visualização do trabalho. Queremos dar o conforto ao olhar do leitor, e apenas a enumeração da página contribuirá para esse desejo.

Estamos diante de uma problemática de fatos manipuladores através da violência. Essa característica perpassa décadas, convivemos com um discurso de violência tão forte, onde inconscientemente, préconcebemos que em terras alagoanas, a lei do mais forte é regra, caso desobedeça, a morte será sua companheira em questão de pouco tempo.

Dentre tantas características, o coronelismo possui algumas particularidades, como “o mandonismo, o filhotismo, o falseamento do voto, a desorganização dos serviços públicos locais” (LEAL, 1949, p. 20). São regimentos adotados pela elite detentora do poder, é fato que nessa perspectiva, o pobre, o negro ou quem quer que seja da classe inferior, não possui autonomia para nenhuma decisão tomada que possa refletir em questões políticas e ideológicas.

Sobre a força que o Coronel assume, percebemos que:

Dentro da esfera própria de influência, “o coronel” como se resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que freqüentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas (LEAL, 1949, p. 23).

Falar em coronel acaba por se tornar também falar de personificação mítica, o imagético do poder e repressão que nos remete a um passado de escravismo bem vivido no nordeste. São pensamentos inconscientes de um historicismo perpassado e ainda presente na atualidade. Um estereótipo traçado que pontua referências, define personalidades e cria um personagem, um perfil de um ser que corresponde a determinado status. Foi a possibilidade de grandes terrenos férteis, a grande manuseabilidade das terras para a agricultura, juntamente com financiamentos políticos, o poder a partir da posse de terras que contribuiu para que os coronéis conseguissem desempenhar o papel de autoridade pública de grande prestígio.

O coronelismo se define como “o sistema de reciprocidade: de um lado, os chefes municipais e os ‘coronéis’, que conduzem magotes de eleitores como quem toca tropa de burros” (LEAL, 1949, p. 43), tratamento que promove a ideologia do pensamento desse coronel. O tratamento que o coronel promove aos seus seguidores se compara ao criador de porcos que bate em seus leitões sujos, para que saiam de perto dele a fim de não contaminá-lo e incomodá-lo com seu fedor de podridão.

Determinados questionamentos nos levam a entender o lugar de onde falam esses indivíduos e quem são seus manipulados. “De outro lado, a situação política dominante no Estado, que dispõe do erário, dos empregos, dos favores e da força policial” (LEAL, 1949, p. 43), o poder vem como um processo de imposição. Para marcar seu lugar, usava de violência, e fazia o povo se sentir pressionado pela força. O poder de dominação violenta criou o estereótipo de que o poder de manipulação da população pela política, pelos setores do Estado, pelo trabalho, descrevem a face do ser mítico, o Coronel.

Entendemos então que o coronelismo passou a ser figura de símbolo de algo. E, entendamos *símbolo* como um status de fato criado, um objeto imaginário, não necessariamente esse status será de algo bom. É no período imperial que o coronelismo se consolida como um poder concentrado nas mãos de um ser poderoso, que em sua maioria possui um alto poder aquisitivo.

Além dessa função política, o coronel apresentava uma paternalista e clientelista atuação social: ele era o padrinho, o compadre, a pessoa que mandava soltar e prender, arrumava casamentos, promovia festas, acomodando criminosos, dando terras aos agregados que viviam em suas fazendas, protegendo-os da polícia e auxiliando – os em qualquer necessidades, da cura de doenças à redação de uma simples carta. Arrogante, exigia dos submissos obediência absoluta, prestação de serviços, participação nos grupos de jagunços para disputar a liderança de uma localidade com outros coronéis (FARIAS, 1997, p.123).

O coronelismo também foi grande tema de debates científicos e que inspirou grandes obras literárias. “A literatura se ocupou em descrever copiosamente o mundo real, violento e rústico em que viviam os coronéis” (AMARAL, 2004, S/P). São diversas pontuações, grandes nomes e debates em nome do coronelismo, porém, essa é uma discussão que nunca se acaba. Esse coronelismo se pontuou como um status que se igualou a modo de vida rico e maldoso, e que repercute atualmente como referência de riqueza e violência regional.

CONCLUSÃO

Sabemos então que a ideologia é uma força que se transforma em poder, e, em determinada contextualização, traz explicações delimitadas. É assim quando falamos do coronelismo em Alagoas, pois está posto no estado um celeiro de propostas, onde grandes nomes para o Brasil surgiram. Diversos setores possuem representatividade alagoana, como nas artes, educação, governo, direito, literatura, etc.

Com seus conservadores, seus rebeldes, seus eruditos, seus maloqueiros, seus doutores, seus poetas, seus escritores, seus patriarcas, seus políticos, seus operários, seus industriais, seus comerciantes, seus xangozeiros, seus cantadores de coco, seus dançadores de folguedos, seus estudantes, seus mestres, seus cassacos, seus vaqueiros, seus pescadores, sua gente dos campos dos canaviais e das campinas sertanejas –Alagoas vive e dói na alma de cada um (LINDOSO, 2015, p. 98).

Temos um estado de grande riqueza, uma vasta produtividade cultural, um povo que está sempre em atividade. Partindo desse pressuposto, a ideologia de poder que existe na construção de um Estado reflete todo o resultado de contribuições históricas.

Um país onde o trabalho escravo é uma necessidade, não proporciona uma identidade nacional forte o suficiente para se impor enquanto nação livre, com autonomia capacitada e contínua. Entendamos essa autonomia como um processo de crescimento que vai desde fatos políticos, econômicos, sociais e culturais, pois, fazer do escravismo um fato real proporcionava um atraso na ascensão do país. O nosso trabalho teve por intuito abordar, mesmo que rapidamente, a dominação coronelista que em Alagoas se perpassou historicamente, a partir de uma obra literária. Podendo tratar das relações entre dominadores e dominados, a relação de valores que se estabelecem a partir da renda ou posses, de modo que, atrelado a isso, se estabeleceram jogos de valores.

Ser o coronel é ter manipulação em tudo e por tudo. Objetos, pessoas, terras, animais, todos como sinônimo de pertencimento. E o romance ainda aborda algumas contraposições e jogos de valores mediante o coronel, propostas que trataremos em outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Nemo de Andrade. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil (1889-1930): uma visão crítica sobre a obra de Vitor Nunes Leal. Brasília: Centro Universitário de Brasília – UniCeub, 2004.

BEZERRA, Edson José de Gouveia. **CONFIGURAÇÕES EM TORNO DE UMA IDENTIDADE ORNAMENTAL**: a emergente identidade cultural alagoana / Edson José de Gouveia Bezerra. Recife, UFPE/ EDUFPE, 2006.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: **A personagem do Romance**: estudos de literatura brasileira contemporânea. Nº 26 –Brasília: Gráfica Positiva, 2005.

FARIAS, Airton. **História do Ceará**: dos índios a geração cambeba. Fortaleza: Tropical Editora, 1997.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. -1º ed. –Rio de Janeiro: Companhia da Letras, 1949.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1959.

LINDOSO, Dirceu. **Interpretação da Província**: Estudo da Cultura Alagoana/ Dirceu Lindoso. -3. ed. –Maceió: EDUFAL, 2015.

MÉSZÁROS, István. **O Poder da ideologia/IstvánMészáros**; Tradução Paulo Cezar Castanheira. –São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: **A personagem de ficção**. Editora Perspectiva, São Paulo, 1968.

TICIANELI, Edberto. Disponível em: <<http://www.historiadealagoas.com.br/alagoas-na-revolucao-de-30.html>>Publicado em 29 de junho de 2015. Acesso em 04 de Setembro de 2016.